

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ação com bola de Basquete e Bumerangue

Rafael da Rosa Mazzoca

Porto Alegre, dezembro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ação com bola de Basquete e Bumerangue

Rafael da Rosa Mazzoca

Orientador:
Me. Rodrigo Núñez

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao professor Rodrigo Núñez, pela ótima orientação, reflexões, pelo auxílio e bom humor.

Agradeço às professoras Cláudia Zanatta e Eny Schuch, por aceitarem fazer parte desta banca e por todas as colaborações que tornaram este trabalho possível.

A professora Adriana Daccache, pelas excelentes aulas e por ter se tornado minha amiga.

A professora Maria Ivone dos Santos, pelos três semestres de escultura.

Aos amigos:

Bibiana Pereira pelo depoimento, pelas reflexões artísticas e as mais estranhas conversas. Também por ter lançado o primeiro bumerangue.

Val Payeras pelo depoimento e por participar dos arremessos.

Bruno Goés por quebrar as peças de cerâmica.

Regina Veiga pelas fotos, vídeo e edição.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
I) PROJETAR.....	6
II) POSSE E PERDA.....	8
III) AÇÃO.....	14
CONCLUSÃO.....	19
ANEXOS.....	20
Referências Bibliográficas.....	22

INTRODUÇÃO

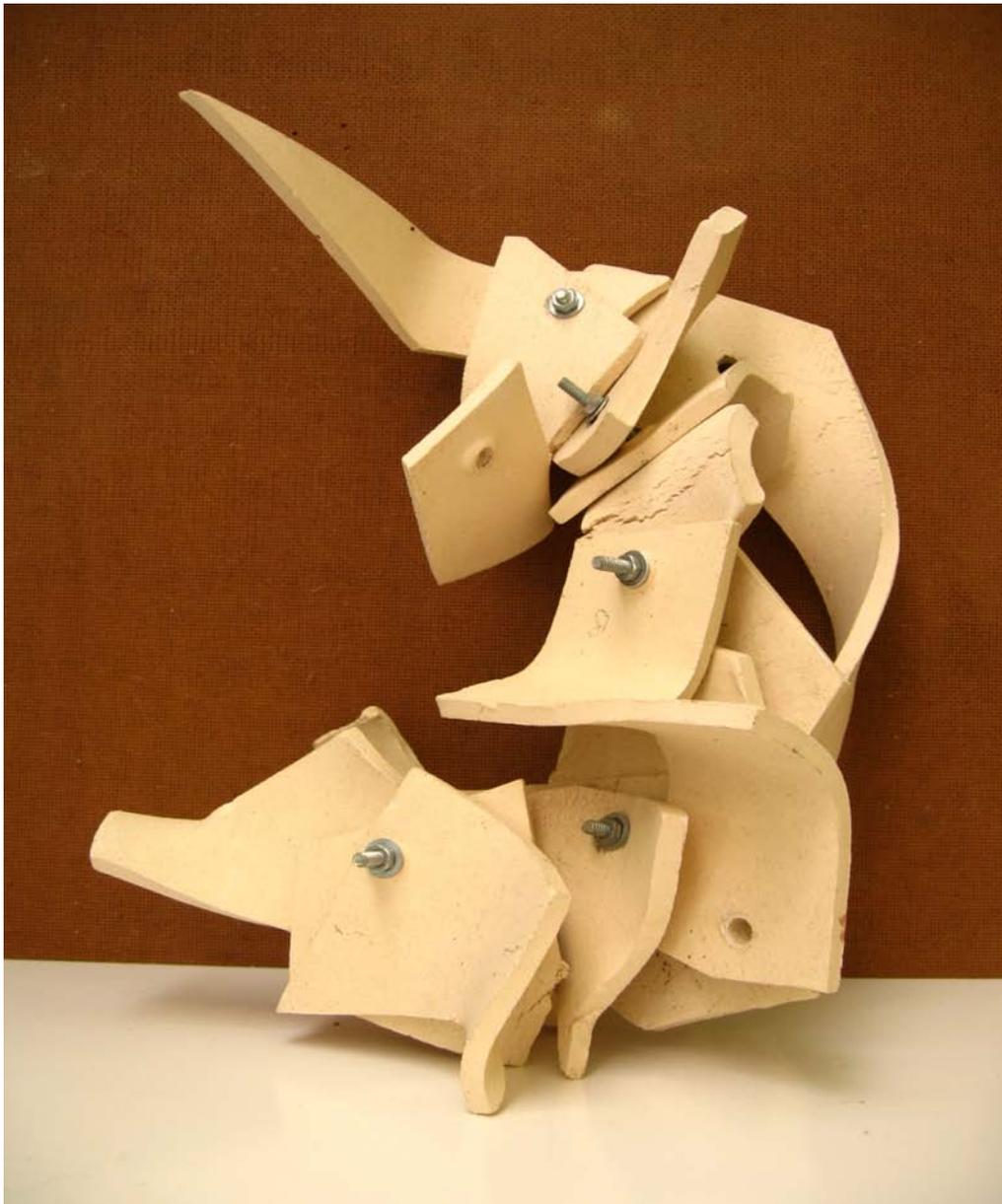
O presente trabalho se baseia no relato do processo que culminou com a realização da ação apresentada no dia 22 de novembro do ano de 2010. Nessa ação estavam presentes os professores componentes dessa banca assim como também os amigos que junto a mim, realizaram a referida ação. Dividi esse texto em quatro partes. A primeira parte trata do surgimento da obra. Mostro como desde os primeiros semestres de faculdade, meu trabalho artístico se desenvolveu até a realização final de conclusão de curso, citado anteriormente. Nessa etapa a participação do público passa a integrar a obra. A segunda parte diz respeito ao processo de produção dos objetos usados na ação. O tempo de ateliê, as dificuldades encontradas e como consegui contornar os obstáculos, chegando ao resultado por mim esperado. Na terceira parte desse trabalho apresento as reflexões sobre a ação em si. Trato das relações de tempo, do porquê dessa obra, assim como das questões de posse e perda do objeto. Discorro também sobre o movimento do corpo durante a ação e o jogo psicológico durante a mesma. Finalmente, na última parte anexei relatos de alguns participantes da ação. Assim como o participante integra a obra, julguei imprescindível que nesse texto também houvesse a participação daqueles que além de mim também a realizaram.

I) - PROJETAR

Não sabia o que fazer. Parti para o Amilcar. Era a aula de placas na disciplina de Introdução à Cerâmica. Produzi as primeiras placas pensando naquelas chapas de aço do Amilcar. A placa, o corte e a dobra. O que me interessava era a forma. Depois de prontas, vendo as placas lado a lado, elas eram bem melhores juntas do que separadas, *à la* Amilcar de Castro. Foi o próprio Rodrigo quem sugeriu que eu furasse as próximas placas para uni-las. Fiz. Juntei as placas com parafusos e porcas. Já tinha um caminho para seguir. Desses primeiros trabalhos até o que apresento agora para a graduação, foi um percurso natural.

Aquelas primeiras peças aparafusadas não eram rígidas. Embora estivessem unidas, elas tinham um jogo de movimento, um remelexo. Ao pegá-las, elas se mexiam, não eram estáveis, rígidas em seu conjunto. Cada placa que compunha aquele trabalho tinha uma certa autonomia de movimento. Por mais que eu apertasse os parafusos, as placas nunca ficavam completamente fixas umas às outras, não foi isso o que projetei mas dei boas-vindas ao acaso. E isso me parecia muito bom. Uma das intenções daquele primeiro trabalho de cerâmica era oferecer interatividade com quem o possuísse, cada pessoa podia montá-lo ou modificá-lo à sua maneira, participando de certa forma de uma espécie de jogo. “*O acaso e as leis naturais são os elementos do jogo.*”¹ A interatividade apareceu ao acaso, creio que por razão do próprio ateliê de cerâmica, por ser coletivo e proporcionar as mais diversas trocas de ideias entre os alunos que o frequentam. Foi a partir das conversas com os colegas e do contato deles com as minhas placas, muitas vezes eles próprios montando as peças ou transformando as já montadas, que essa característica de interatividade apareceu. Agreguei então essa possibilidade ao meu fazer artístico, elevando o espectador da minha obra a coautor. Essa característica interativa se mantém ainda hoje no bumerangue e na bola de basquete, mas agora somente pelo jogo e pelo movimento.

1 EIGEN, Manfred & WINKLER, Ruthild. *O jogo: as leis naturais que regulam o acaso*. Lisboa: Gradiva, 1989. p.19.



Escultura, placas de cerâmica aparafusadas, 2005.

Durante um bom tempo já estava trabalhando com a questão de terra e movimento. A terra foi um material que utilizei em diversas propostas artísticas no período de minha formação universitária e inclusive antes dela. O interesse por esse material envolve questões humanas como posse, deslocamento, moldagem e questões físicas e geográficas como condensação, tempo, características do material (possibilidade de quebra, aglutinação, esfacelamento, etc), distância entre diferentes lugares, etc. Não me aprofundarei nesses trabalhos anteriores mas faço esse breve esclarecimento por se tratar de um tema pertinente em minha trajetória artística e que de certa forma também está presente nessas duas propostas que apresento para a graduação.

II) - POSSE E PERDA

Primeiro foi o bumerangue. A escolha desse objeto deve-se às discussões que travei com uma amiga a respeito de bumerangues. A moça não acreditava na possibilidade desse voo tão particular. Não fosse por ela, talvez esse trabalho nunca tivesse acontecido. Nessa época estava fazendo a cadeira de fôrmas e precisava de algo que usasse um tacele. Tive então a ideia de fazer os bumerangues de cerâmica, por que não? Era perfeito: cerâmica e movimento. Me pareceu que seria um trabalho no mínimo interessante, irônico. Claro, quando eu os jogasse, eles iriam se quebrar, mas era justamente essa ideia que me agradava: ter o objeto e depois perdê-lo. Soma-se a isso as minhas questões no que diz respeito à terra e sua posse, deslocamento e etc, as quais mencionei anteriormente. A ideia começava e se lançar.

Fazer os bumerangues é fácil. A fôrma tem só um tacele e é só por a argila e raspar o excesso. Depois é só retirar o bumerangue. Comecei a produção em 2007. Usei três modelos. O primeiro comprei pela internet. Nunca tinha jogado um bumerangue antes. Comprei aquele modelo porque no *site* dizia que era fácil de jogar. Bumerangue de duas asas, o modelo mais simples de todos os que usei, era bastante leve. Bem, lá fui eu fazer a fôrma e só depois fui brincar com aquele artefato que me parecia mágico. Lançar um objeto para frente e vê-lo voltar, fazendo aquele trajeto circular é algo encantador. Parece que desafia as leis da física mas é justamente a física, a aerodinâmica, que o faz retornar à mão do lançador. Infelizmente esse bumerangue não ficou por muito tempo em minhas mãos. Logo na segunda semana depois de comprá-lo fui jogar na praia, num dia em que o vento nordeste estava forte e o mar revolto. Depois de alguns lançamentos o bumerangue caiu no mar. Fiquei por mais de meia hora procurando o objeto. Em vão. Eis que perdi o mesmo no mar de Magistério.



Bumerangue, cerâmica, 2007.

O segundo bumerangue ganhei de uma amiga: australiano de duas asas. Decepcionante, aquele pedaço de madeira não passa de souvenir para turistas desavisados. Não voa. Só fui testá-lo depois de fazer a forma, já precavido da possibilidade de perder o objeto tão valioso para mim. Mesmo sabendo que não voava fiz alguns de cerâmica. Esses são os únicos até agora que experimentei maiores possibilidades das técnicas cerâmicas: engobe, vidrado, raku e queimas em diferentes temperaturas. Esse bumerangue de cerâmica eu ainda não joguei.



Bumerangue, cerâmica, 2007.

O terceiro bumerangue comprei em uma loja de esportes. Junto com ele comprei outros seis modelos, mas por enquanto só usei esse para os trabalhos cerâmicos porque ele tem o voo mais preciso. É esse o modelo que usei na ação de apresentação para a pré-banca e que aparece no vídeo apresentado nesta banca. Ele possui quatro asas e é mais leve em comparação aos modelos usados anteriormente. Os outros modelos comprados junto com esse serão feitos no futuro.



Bumerangue, cerâmica, 2009.

Os bumerangues de cerâmica são peças leves, finas, frágeis. Parece que vão quebrar ao toque descuidado. Durante o processo de fabricação alguns deles se quebraram e isso ironicamente me incomoda. Incomoda pelo fato de que eles são projetados para voar, mesmo sabendo que eles se quebrarão ao cair após seu voo, é pra isso que eles são feitos, para existir, enquanto arte, durante o voo e não antes. Há um cuidado durante a fabricação, uma delicadeza, uma projeção de pensamento para o momento crucial de lançamento e existência artística durante os segundos em que gira no ar.

Fazer a bola de basquete foi mais difícil. A fôrma é maior e muito mais pesada do que a fôrma do bumerangue e lidar com ela é trabalhoso, é preciso usar a força. Comecei a fazer a bola no segundo semestre de 2010 e por muito tempo não consegui fazer mais do que uma bola. As fôrmas que eu havia feito não funcionavam. Foi um grande tempo de frustração para mim. Tentativa após tentativa e não chegava a um resultado satisfatório. O tempo para apresentar a bola na pré-banca se esgotava e eu não conseguia produzi-la. Elas saíam da fôrma quebradas, desmoronadas, murchas, rachadas. As fôrmas tinham um único furo na parte superior pelo qual eu vertia a argila para depois inverter a fôrma, colocando-a de cabeça para baixo para tirar o excesso da argila. Resolvi o

problema depois de um sonho revelador: sonhei que eu fiz um furo bem embaixo da fôrma, desta maneira eu não precisava mexer nela para retirar o excesso de argila e produzia muitas bolas rapidamente. Foi o que aconteceu. O furo inferior foi salvador e depois desse ajuste a produção foi tranquila.



Fôrma da bola de basquete, 2010.



Primeiras tentativas, Bola de basquete.



Bola de basquete, primeiras tentativas, detalhe.

Há um trabalho de ajustes, de acabamentos para chegar nas peças projetadas por mim. Há o tempo da cerâmica, que primeiro precisa secar na fôrma, depois desinformar e acomodar os objetos cuidadosamente para não quebrar. Esperar o tempo da secagem até levar ao forno também com cuidado e torcer para que dê tudo certo na queima. O momento da retirada do forno é sempre um momento de tensão.

Durante todo o tempo de fabricação, busco sempre a perfeição da aparência do objeto, e esse jogo de erro e acerto na produção é o momento de maior tensão. Essa procura pelo resultado de aparência do objeto mais perfeito e realista possível, é também a busca da ironia do jogo que se faz impossível, evidentemente pelo material usado.

O tempo de fabricação do bumerangue e principalmente da bola, é um tempo longo em comparação ao tempo da ação, no qual a arte está nessa minha proposta artística. Procuro fazer as peças de cerâmica o mais semelhante possível em relação aos objetos escolhidos para serem copiados. Os bumerangues e as bolas que faço tem um acabamento bonito, quase perfeito. Isso acaba por seduzir quem o possui (digo isso por mim e também pelos relatos que me fizeram). A sedução do objeto resulta em um jogo psicológico no momento da ação, causando, muitas vezes, frustração. Seja no bumerangue, seja na bola de basquete, acabo por lançar na mente de quem joga, uma espécie de ilusão de jogo, de jogo com o real, com o ilusório, com a frustração e o êxito. Sobre

isso falarei mais tarde.

O tempo de fabricação é o meu tempo de posse. É aqui que tenho o objeto, que passo longos períodos trabalhando para o momento da perda. É um tempo mais longo e mais reflexivo, no qual projeto a ação, o momento da obra. O meu tempo é toda a existência do trabalho. Desde a feitura até o momento final.



Bola de basquete, enfim! 2010.

III)- AÇÃO

Inúmeras vezes me perguntaram o porquê de eu fazer uma bola tão bonita só para quebrar. A essa pergunta não tenho resposta. Talvez a resposta esteja na própria vida, no cotidiano, quando construímos e conquistamos, compramos, ganhamos, juntamos e nos apropriamos de coisas e nos esquecemos de que cedo ou tarde iremos nos separar dessas coisas, que tudo é transitório. Talvez por isso pareça tão estranha a ideia de fazer algo belo, um objeto que seduz os olhos, somente para quebrar. Um dado que achei interessante é o fato de que dei de presente alguns bumerangues, e até agora ninguém arremessou. O que demonstra que as pessoas preferem ter o objeto com potencial de se tornar arte do que ser/fazer a arte em si. Percebo esse fato como a metáfora de um pintor que guarda os tubos de tinta sem usá-los e deixa a tela vazia. Todas as estruturas são instáveis. É preciso reconhecer a impermanência de todas as coisas. Reconhecer isso é aproximar-se da arte que faço nesse momento.



Ação com bola de basquete, Parque Marinha do Brasil, 22/11/2010.



Ação com bola de basquete, Parque Marinha do Brasil, 22/11/2010.

*“A percepção do momento presente cria um espaço, não somente no fluxo da mente, mas também no contínuo do passado e do futuro. Nada realmente novo e criativo pode acontecer nesse mundo a não ser através desse espaço, um espaço nítido com infinitas possibilidades.”*² É nesse espaço criado pelo agora que a experiência se condensa como consciência. É nesse espaço, nesse eterno agora, que essa arte é feita, sentida e experimentada. Ela não é somente um objeto. Ela não é somente uma ação. Ela não é somente um momento. Ela é o que acontece com um objeto, quando animado por alguém, por uma ação, em um instante, quando percebido por alguém.

² TOLLE, Eckhart. *O Poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual*; Trad. Iva Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 220.



Cacos.

O agente da ação potencializa aquele momento, e no momento de concentração ele sente o agora. Não há espaço para o antes e o depois. Há a preocupação de fazer o movimento correto e lançar o objeto com exatidão. Só há uma chance, só um arremesso. Esse se torna um momento único em que lançador e objeto se fundem e se transformam em arte. Com o bumerangue há a preocupação de lançá-lo com perfeição para que o movimento seja completo, com um voo circular e que retorne ao lançador. Caso o bumerangue volte para as mãos do lançador, este deverá decidir em poucos segundos se irá apanhá-lo ou não, pois existe um grande risco de haver uma contusão ou mesmo um corte. Com a bola de basquete, o foco se divide entre objeto e cesta na expectativa do acerto. A ação gera uma tensão em quem o faz.

Corpo e mente precisam estar focados no agora. A ação e o movimento voam para algum lugar desconhecido. Bumerangue e bola, mitificados pela sedução, desejo e fetiche que o objeto de arte teima em provocar, se esfacelam ante o impacto. Ambos os objetos acabam por se desmitificarem ao mesmo tempo em que se mitificam. Eles estão ali, inteiros, como que fazendo um convite a quem por um instante se deixe levar pela experiência de viver a arte, para que se tome consciência de que toda a forma se desfaz. Bumerangue e bola percorrem intactos seus trajetos pelo ar, para encontrarem o destino inevitável a todos nós. Um destino que por vezes fazemos questão de esquecer. A mente fica no jogo psicológico da posse e da perda ao mesmo tempo em que o corpo, no “[...] *jogo dos músculos e membros*[...]”³, procura fazer o movimento perfeito, que anima o objeto e cria, assim, o imaterial entre eles, o que não se pode ver e nem se definir. “[...] *Quando eu*

3 EIGEN, & WINKLER, op. cit. p.26.

não entendo o que defino eu me aproximo do que chamam poesia, e então a poesia se revela muito mais próxima da vida do que parece”⁴.



Rodrigo Núñez e Bruno Goés (abaixo). Ação com bumerangue, Parque Marinha do Brasil, 22/11/2010.



4 ABUJAMRA, André. *Palmeira do Deserto*, faixa 10 do cd, *O Infinito de Pé*, 2004.



Ação com bumerangue, Parque Marinha do Brasil, 22/11/2010.

Como em um casamento beuysiano entre arte e vida, no qual o artista alemão propunha que “*toda pessoa é um artista*”⁵, minha obra proporciona um convite para o outro participar, um outro que não somente vê mas que participa. Ao participante, assim como Beuys, ofereço a oportunidade de fazer a junção entre arte e vida, de fazer e de se tornar arte ao mesmo tempo. Tempo este que é limitado e que passa muito rápido. Agente e objeto, os dois em movimento, envolvidos num jogo onde experiência converte-se em realidade e culmina em impossibilidade. Um jogo de contradições que beira o cotidiano e foge do mesmo em um instante irreversível.

5 BORER, Alain. *Joseph Beuys*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 17.

CONCLUSÃO

Por fim, me sinto satisfeito com os resultados do trabalho. A sensação de tempo em espiral foi uma das experiências pelas quais passei ao longo desse processo. Um tempo que começou lento e no final foi acelerado até culminar na ação. O tempo do ateliê foi um tempo de projeção, de dedicação comparado ao momento da ação. Somente na ação pude me sentir realizado. O tempo da ação, proporcionalmente menor, tornou-se pleno, elástico, relativo.

O trabalho mantém-se em aberto, os primeiros objetos, bola e bumerangue, foram lançados e quebrados. A posse e a perda, questões que me interessam e me refletem foram de alguma forma contempladas. Sigo portanto com a vontade de produzir mais bumerangues e mais bolas, assim com outros objetos e jogos que reflitam as questões envolvidas nesses meus interesses pessoais. Outro ponto que notei foi a atenção para com o corpo, questão surgida diretamente da ação. Ainda não tenho clareza de como irei trabalhar esse novo aspecto, mas foi uma das descobertas interessantes do momento de realização verdadeira da obra, talvez impensável durante o processo de ateliê quando a atenção e angústia ainda estavam voltados para o objeto físico.

ANEXOS

Participante: Bibiana Ferreira Pereira

Relato da ação artística proposta por Rafael Mazzoca

Tive a oportunidade de acompanhar todo o processo de trabalho do Rafael, desde o início. A questão que se tornou mais interessante, ao meu ver, aconteceu justamente no dia da ação de apresentação à banca examinadora: quando o foco de pensamento sobre o trabalho se deslocou do objeto para a ação.

Até o momento da ação, costumávamos discutir as características do objeto, como a questão da mimese, da aura do objeto de arte, do fetiche. A primeira pergunta que fiz ao ganhar um bumerangue de cerâmica foi se ele era capaz de voar. Confeccionado a partir de uma fôrma, não poderia deixar de pensar sobre as características do material, se possibilitariam sua função inicial - o voo - ou não. Fato é que ao ganhar o bumerangue não me arrisquei a jogá-lo, sabendo da iminência de uma provável perda.

Tempos antes da pré-banca, testamos então os bumerangues de 4 asas e foi uma sensação interessante. Saber do processo de criação e a delicadeza dos objetos trazia uma certa carga de “responsabilidade” ao jogá-los. Jogamos os bumerangues e constatamos que eles voavam mesmo sendo de cerâmica. E sim, eles se quebraram todos no chão. Achei muito interessante o fato de que eu me tornei autora no momento em que joguei o bumerangue, e que esta autoria estava sendo dividida entre o jogador e o propositor da ação.

Neste ponto que se revela uma particularidade que julgo extremamente válida no trabalho de Rafael: a questão de uma autoria compartilhada. No dia que se refere ao vídeo gravado a partir da ação, esta questão tornou-se ainda mais forte quando crianças vieram perguntar sobre o trabalho *-realizado num ambiente público-* longe dos espaços institucionais da arte. Ali a arte se mesclou com a vida pública sem nenhum tipo de elitização. Foi tão simples e interessante que não necessitou de nenhum discurso pré-estabelecido, de modo que crianças se interessaram pelo que acontecia, sem que nenhum professor tivesse que incentivá-las ao interesse. Achei isso fantástico.

Sobre as bolas de basquete, o fetiche para com o objeto ficou ainda mais intenso. A tentação de jogá-las era imensa, mas a responsabilidade para que seu trajeto fosse perfeito me reteve a ponto de não conseguir arremessá-las. A expectativa do arremesso perfeito foi o fator que me mostrou que não estava mais preocupada com o objeto, mas sim com a estética do movimento e sua culminância

no momento da peça se esfacelar no chão.

O momento da ação trouxe outros pontos significativos do trabalho como a questão sonora, a preocupação com a trajetória dos objetos, a transitoriedade da forma, o medo do jogo. Com as bolas de basquete, pude me sentir uma jogadora inexperiente, que abdica do ponto final da partida por se achar incapaz de realizá-lo.

Termino, portanto, este relato reforçando duas características que me encantaram no trabalho: a autoria compartilhada, geradora de adrenalina e impotência (no meu caso) e a questão da simplicidade. Enquanto estudante de História Teoria e Crítica da Arte, convivo com o estudo de discursos legitimadores o tempo todo. Me encanto com trabalhos que falam por si, pois são estes que me dizem coisas e não o contrário. Enquanto professora de arte, me satisfaço quando consigo estimular o interesse de uma criança por um trabalho artístico, mas me realizo mais quando este interesse é natural e não depende de mim. Isto foi o que vi, e foi um momento raro.

Participante: Val Payeras

Para mim, que joguei basquete durante seis anos da minha adolescência, o ato de pegar numa bola de basquete feita de cerâmica, já foi uma sensação que me causou bastante estranheza. O peso, a delicadeza da peça contraria uma das principais características do jogo que é a agressividade, isso devido ao contato corporal que ocorre durante cada ataque e defesa.

A principal missão, acertar a cesta, torna-se difícil pelo fato de que um simples toque em qualquer outra superfície, faz com que a peça se quebre. Sendo assim, o objetivo de um jogo real torna-se quase que impossível de ser realizado. A sensação ao arremessar à cesta foi de vazio, falta, pois não há retorno da bola. A ação se conclui somente pelo ato de arremessar e ponto. Isso fez com que eu quisesse arremessar sem parar, uma bola atrás da outra. Contudo, o barulho que a peça faz ao se quebrar é única, pareceu-me compensar a falta de retorno da bola para um novo arremesso.

Referências Bibliográficas:

EIGEN, Manfred & WINKLER, Ruthild. *O jogo: as leis naturais que regulam o acaso*. Lisboa: Gradiva, 1989.

TOLLE, Eckhart. *O Poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual*, trad. Iva Sofia Gonçalves Lima. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

ABUJAMRA, André. *O Infinito de Pé*, 2004. *Palmeira do Deserto*.

BORER, Alain. *Joseph Beuys*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.